

Proletários de todos os países, uni-vos!



Organizar a rebelião das massas sob a bandeira do marxismo-leninismo-maoísmo!

Neste Primeiro de Maio de 2025, nós, a Liga Comunista Internacional (LCI), saudamos com ardente fervor comunista nossa Classe, o proletariado internacional, e todas as Nações e Povos Oprimidos do mundo. Saudamos nossos camaradas de armas de todo o Movimento Comunista Internacional, todos os Partidos e Organizações Comunistas que lutam por elevar a missão beligerante por nossa meta final comum, o Comunismo, a patamares cada vez mais altos, até a vitória final. Saudamos os destacamentos armados de operários e camponeses que combatem heroicamente nas Guerras Populares e nas lutas armadas travadas sob a direção dos comunistas, com base na ideologia proletária. Saudamos os órgãos de poder popular, em seus distintos estágios de desenvolvimento, nos países onde os comunistas se levantaram em armas e estão destruindo o velho poder reacionário. Saudamos todos os revolucionários e autênticos democratas que, em todos os cantos do mundo, realizam os mais altos sacrifícios junto conosco na luta implacável contra o imperialismo, o revisionismo e a reação.

Neste dia, marchamos ombro a ombro, sob a flamejante bandeira vermelha com a foice e o martelo, mais determinados do que nunca a pôr fim à milenar velha ordem de exploração do homem pelo homem, repletos de otimismo revolucionário e com absoluta convicção da justiça de nossa causa. Hoje é o nosso dia, o dia em que reunimos nossas forças e vemos, diante de nossos olhos, as crescentes fileiras de um contingente revolucionário internacional em formação, decidido a assaltar os céus.

As condições para o desenvolvimento da Revolução Proletária Mundial são excelentes, os ventos sopram a nosso favor, e uma análise da situação mundial só pode confirmar esse fato.

O mundo de hoje é marcado pela crise geral do imperialismo, sua acelerada decomposição e seu parasitismo cada vez maior

O imperialismo norte-americano, encabeçado politicamente pelo governo Trump, hoje tenta desesperadamente reorganizar sua economia impondo ajustes no mercado global, a fim de retomar posições, fortalecer seu domínio sobre as Nações Oprimidas e romper as alianças e coalizões de seus concorrentes imperialistas, tendo o social-imperialismo chinês como alvo principal. Para isso, aplica o que pode ser descrito como tática de “diplomacia das canhoneiras”, explorando o fato de ser o principal exportador de capital do mundo e o “maior consumidor global” (o maior parasita). As medidas políticas, econômicas e militares do governo Trump – sejam a crescente rejeição das instituições criadas após a Segunda Guerra Mundial (como a ONU), a agitação na OTAN ou as tarifas – não são expressões do caráter errático do genocida degenerado Trump, mas sim de um plano consciente da fração do capital financeiro norte-americano representada politicamente pelo Partido Republicano. No entanto, o imperialismo ianque está sitiado pelos povos do mundo, e suas ambições desenfreadas o colocam numa posição de crescente isolamento dos demais países imperialistas; na verdade, seu poder está em constante declínio, e a frente única dos povos do mundo contra os imperialistas, liderados pelos Estados Unidos, cresce e continuará crescendo. O imperialismo ianque é o principal inimigo dos povos do mundo e atua como o gendarme contrarrevolucionário mundial.

Nós, comunistas, devemos mostrar com clareza às massas que focar em Trump e no herdeiro do Apartheid, Musk, na suposta ameaça dos “oligarcas” (como se o Estado imperialista nem sempre representasse os interesses da Oligarquia Financeira) e no “perigo fascista”, é seguir a reboque do Partido Democrata e encobrir o imperialismo norte-americano. O tão “encantador”, “democrático” e “progressista” Obama não foi melhor do que Trump; ambos são belicistas e assassinos em massa, ambos representam os interesses do parasita mais monstruoso que a história já conheceu. Todo governo dos EUA será apenas isso: a administração política dos interesses do Estado imperialista, servirá a seus objetivos e será sempre um arqui-inimigo das Nações e Povos Oprimidos do mundo.

A contenda entre os imperialistas está atingindo novos patamares, e o imperialismo norte-americano tenta manter seu poder decadente de várias maneiras e neutralizar seus crescentes rivais. Ainda assim, nenhuma das demais potências imperialistas é capaz de confrontar, no curto prazo, a superioridade política, econômica e militar do imperialismo norte-americano, que ainda domina o sistema imperialista.

Particularmente desde a crise de 2008, o sistema imperialista tem sido abalado por crises econômicas, políticas e militares. Junto à tendência de declínio da hegemonia do imperialismo norte-americano, surgem novas polarizações e alianças dentro do sistema imperialista mundial. O social-imperialismo chinês tenta cada vez mais, dentro da dinâmica de conluio e pugna, entrar em competição com os EUA em certas regiões e setores. O imperialismo russo intensificou suas movimentações militares contra a expansão do imperialismo “ocidental” sob a direção do imperialismo norte-americano através da OTAN, e os conflitos imperialistas ganharam uma nova dimensão, especialmente com a guerra na Ucrânia. Embora as potências imperialistas dentro da UE (especialmente Alemanha e França) façam novamente parte das movimentações econômicas e militares do imperialismo norte-americano com a guerra na Ucrânia, também buscam aumentar sua relevância militar por conta própria.

A China social-imperialista, em meio às suas contradições internas, é contida pelas manobras dos ianques e não consegue atingir os níveis de crescimento necessários para se tornar uma superpotência, assolada por uma crise no setor imobiliário e incapaz de estimular o tão necessário consumo interno. A economia japonesa está mais interligada que nunca à dos EUA, sendo o Japão o maior investidor estrangeiro no país nos últimos cinco anos, e suas capacidades políticas e militares são minúsculas em comparação à China, o que o torna totalmente dependente da “proteção” norte-americana. A Alemanha enfrenta seu terceiro ano de recessão completa, seu maior parceiro comercial são os EUA e qualquer perturbação no setor industrial exportador teria consequências terríveis para a “paz social” no país, que é a principal preocupação política da burguesia alemã; ao mesmo tempo, se enfrentam problemas políticos para formar um governo “estável” e a necessidade de “normalizar” a extrema-direita da AfD. A França enfrenta crescentes problemas econômicos e tenta desesperadamente usar seu relativo poderio militar como moeda de barganha na UE, além de ter sérios problemas internos com o conflito entre o Presidente e o Parlamento (chegando ao ponto de, em abril, proibir um importante candidato de concorrer nas próximas eleições presidenciais). A “União Europeia” como um todo é uma bagunça, incapaz de resolver qualquer um dos seus maiores problemas devido às suas contradições internas; seu único feito nos últimos tempos, além dos contínuos assassinatos em massa de imigrantes no Mar Mediterrâneo, foi a ultrajante intervenção nas eleições romenas, em completa negação da soberania daquele país; o chamado projeto de “Rearmar a Europa” baseia-se principalmente em gastos para os quais nenhuma verba foi aprovada: 650 bilhões de euros, de um total de 800 bilhões anunciados, não têm cobertura. A Itália tem um enorme problema de dívida e tenta manter o melhor relacionamento possível com os EUA, usando-o para obter vantagens na luta interna na UE. A única opção para o Reino Unido manter seu papel atual no mundo é alinhando-se aos EUA, e não pode conseguir nada sem agir em conluio com outros imperialistas. Ao Canadá só resta protestar quando sua soberania

é abertamente questionada e é repetidamente humilhado pelo governo norte-americano. Por fim, a Rússia, a única potência imperialista capaz de desafiar os EUA em termos de força militar graças ao seu arsenal nuclear, está há três anos atolada em sua guerra de agressão contra a Ucrânia e paga um alto preço por essa guerra injusta.

No Oriente Médio, África e Ásia, a disputa por influência entre os imperialistas se intensificou e as intervenções militares são generalizadas. Esses desdobramentos estão levando a uma agudização das contradições entre as potências imperialistas. De um lado, a componente da OTAN, liderada pelos EUA e seus aliados (Grã-Bretanha, Alemanha, França, Canadá, Japão, Austrália, etc.), e de outro, a componente imperialista centrada na Rússia e na China. Essas componentes podem ser observadas não apenas na Europa, mas também na região Ásia-Pacífico. A política norte-americana de contenção à China levou a alianças militares com países como Japão, Austrália, Reino Unido e Canadá. À medida que a China emergiu como um dos principais atores globais, os EUA e seus aliados a definiram como uma ameaça estratégica e buscam contê-la. A agudização dessas contradições cria a possibilidade de um novo foco de guerra na região Ásia-Pacífico.

Em suma, o equilíbrio de poder dentro da ordem imperialista mundial tende a se alterar, mas, até agora, nenhuma das principais potências imperialistas está em condições de desencadear uma nova Guerra Mundial para desafiar o imperialismo norte-americano. Assim, a propaganda alarmista serve apenas para desviar a atenção da tendência principal, que é a revolução. No entanto, com a agudização das contradições, aumentou o perigo de novas e maiores guerras imperialistas (até mesmo uma Guerra Mundial), e a faísca que as acenderá pode surgir a qualquer momento na situação atual. Os comunistas devem compreender a revolução como a tendência principal para entender corretamente as necessidades do momento.

As guerras que o imperialismo desencadeia nas Nações Oprimidas, como parte de sua contenção e expressão de seu desígnio pela repartilha do mundo, são principalmente guerras de pilhagem e de subjugação dos países alvo de agressão direta ou indireta. As guerras e conflitos armados que assolam a África, da Líbia no norte até Moçambique no sul, do Sahel no oeste à Somália no leste, têm todos esse caráter. O mesmo se aplica às guerras e conflitos armados que vão da Palestina a Mianmar. Vivemos novamente um período em que mais guerras estão sendo travadas e preparadas, agressões imperialistas, intervenções militares e golpes de Estado são promovidos. Essas guerras são guerras coloniais modernas, e o termo “guerras por procuração” tenta encobrir essa essência. Os que acreditam na mentira imperialista do “fim da história” e da “vitória do capitalismo”, proclamada pelo imperialismo norte-americano nos anos 1990, sempre “esquecem” a luta das nações e países por sua independência e libertação; em seus cálculos, o principal fator da história, as massas, não é levado em consideração e, portanto, os anseios dos povos pela revolução são ignorados. Mas, repetidamente, a realidade explode na cara dos pensadores das torres de marfim.

Em todo o mundo, as massas estão em movimento e levantam-se em rebelião

A maior greve geral e protesto popular da história da Grécia ocorreu em abril deste ano. Greves gerais e movimentos grevistas em diversos outros países, como Argentina, Índia e África do Sul, têm como alvo direto os ataques das classes dominantes e seus governos. Protestos populares massivos se intensificam na Sérvia. A revolta popular em Bangladesh derrubou o governo. A luta das massas na Turquia levou às ruas a ira de amplos setores do povo. Estes são apenas alguns dos exemplos mais recentes. À medida que a pilhagem e as guerras coloniais modernas se intensificam, e a população das nações oprimidas cresce e a pobreza se aprofunda, o potencial revolucionário das massas aumentará até o ponto em que o povo preferirá morrer lutando a morrer de fome. Esta será a base para as lutas anti-imperialistas, guerras de libertação nacional, resistência à agressão e revoluções em geral.

Tentativas como a conspiração para liquidar a heroica luta da nação curda pela autodeterminação, promovida pelo Estado turco e seus amos imperialistas, jamais terão êxito. A luta pode atravessar complexos avanços e retrocessos, mas, no final, os falsos dirigentes serão completamente desmascarados, e as massas seguirão aqueles que são os verdadeiros defensores de sua causa, os comunistas. A tática contrainsurgente imperialista dos “acordos de paz” pode gerar retrocessos, como ocorreu no Nepal, mas nunca será capaz de mudar o curso da história. A questão é sempre a necessidade de uma direção correta.

A heroica luta do Povo Palestino contra o assalto do Estado de Israel, promovido e dirigido pelo imperialismo norte-americano, é um brilhante exemplo não apenas de coragem e determinação, mas também do fato de que um povo oprimido, desde que se mantenha firme em suas armas, confie em suas próprias forças e sustente uma Frente Única contra o agressor, será capaz de resistir e derrotar qualquer ataque genocida do imperialismo. Contudo, embora a resistência seja uma pré-condição para a libertação, não são a mesma coisa. Apesar de toda a sua glória, a Frente de Resistência Nacional Palestina, em sua atual composição, não será capaz de dirigir a luta das massas populares palestinas até a vitória completa e a plena libertação nacional e de nova democracia da Palestina. Para esmagar e derrotar o Estado de Israel e seus amos imperialistas, é indispensável uma Guerra de Libertação Nacional que cumpra as tarefas da revolução democrática. Na Era do Imperialismo e da Revolução Proletária, essa tarefa só pode ser levada a cabo sob a direção do proletariado. Sem a direção de um Partido Comunista, que hoje deve necessariamente ser um Partido marxista-leninista-maoista, que desenvolva uma Guerra Popular e dirija efetivamente a Frente Única, a libertação da Palestina não alcançará a vitória completa contra o jugo imperialista. Somente o Partido Comunista que aplicar criadoramente o marxismo-leninismo-maoismo, considerando o momento histórico e as condições nacionais, em meio à guerra, será capaz de resolver as tarefas pendentes de qualquer revolução, seja

ela democrática ou socialista, e esta é uma verdade universal e sem exceções. Todos os comunistas e revolucionários devem apoiar a Frente de Resistência Nacional Palestina sem quaisquer reservas covardes, defendê-la contra todos os ataques oportunistas traiçoeiros, e, ao mesmo tempo, redobrar os esforços para servir a luta dos comunistas palestinos para constituir seu Partido marxista-leninista-maoista.

A luta épica da Frente de Resistência Nacional Palestina inflamou o recrudescimento da luta anti-imperialista em todo o mundo, desde a solidariedade armada dos povos do Iêmen e do Iraque até as mobilizações de milhões nas cidadelas do imperialismo. Este movimento deve e irá se fundir com o movimento revolucionário do proletariado internacional. Nesse aspecto, as lutas de vanguarda dos Partidos Comunistas marxistas-leninistas-maoistas que dirigem Guerras Populares desempenham um papel decisivo.

As Guerras Populares maoistas são faróis luminosos de esperança que mostram o caminho a seguir: a libertação nacional dos grilhões semicoloniais e semifeudais impostos pelo imperialismo, que só pode ser conquistada por meio de uma vitoriosa revolução democrática. Precisamos de mais Guerras Populares, e que elas convirjam com as lutas em curso das Nações e Povos Oprimidos pela libertação nacional em uma poderosa tempestade que varra o imperialismo da face da Terra. Nesse contexto, a situação da América Latina merece atenção especial dos comunistas e revolucionários de todo o mundo.

Na América do Sul, o Estado de Emergência está em vigor tanto no Equador quanto no Peru. Na Argentina, os níveis de pobreza disparam, e as massas levantam-se crescentemente em firmes protestos populares. A Venezuela não alcança estabilidade, e o conflito fronteiriço com a Guiana pode escalar para um confronto armado a qualquer momento. Na Colômbia, o regime de Petro – que, apesar de sua demagogia, representa apenas os interesses dos capitalistas burocráticos e latifundiários serviços do imperialismo, principalmente ianque – não consegue pacificar o país, e as chamadas da luta armada permanecem acesas. Na Bolívia, os conflitos entre as classes dominantes são resolvidos com violência, e o momento em que as massas se recusarão a serem colocadas umas contra as outras se aproxima cada dia mais. No Paraguai, a luta guerrilheira prossegue. No Chile, a luta pela terra se intensifica e a luta armada no campo já é uma realidade. Contudo, mais importante ainda na situação atual, no campo do Brasil uma poderosa tormenta começou, e os camponeses pobres respondem com armas nas mãos aos pistoleiros dos latifundiários, bem como às forças policiais e armadas que os apoiam, em um contexto geral de crescente onda de protestos populares em todo o país. O governo reacionário do oportunista Luiz Inácio, servo do imperialismo, principalmente ianque, tão somente fracassou em suas tentativas de conter a rebelião das massas.

Na América Central, o Estado de Emergência foi decretado em El Salvador, e o regime ultrarreacionário declarou guerra aos pobres. No México, verdadeiros senhores da guerra – financiados pelo consumo de drogas nos países imperialistas – travam uma guerra contra o povo, sendo o mais vil e perverso de todos o próprio Estado Federal. As massas na Guatemala e os operários no Panamá continuam lutando contra as condições em constante deterioração, com o agravamento da pobreza e da miséria.

Nas Antilhas (ilhas do Caribe), o Haiti é assolado por uma hedionda guerra civil entre reacionários rivais, estimulada pela intervenção imperialista. O regime cubano não consegue fornecer sequer a eletricidade necessária ao povo, e, quando as massas protestam, enfrentam a repressão feroz dos revisionistas.

Tudo isso ocorre no contexto de uma profunda crise do capitalismo burocrático e crescente agressão do imperialismo norte-americano, que acelera o turbilhão e multiplica a volatilidade em todo o continente. Nesta região, a luta dos camponeses, principalmente os pobres, é a força principal da revolução democrática. Hoje, a situação revolucionária em desenvolvimento desigual no mundo se expressa de forma concentrada nos países oprimidos da Ásia, África e América Latina.

Uma importante força estratégica do Movimento Comunista Internacional hoje são os Partidos e Organizações da LCI que operam do Rio Grande à Terra do Fogo. Não bastaria dizer que na América Latina a pradaria está seca; seria mais preciso afirmar que toda a região é um barril de pólvora prestes a explodir em uma tempestade revolucionária. Com base nisso, os maoistas atuam mobilizando, politizando, organizando e, cada vez mais, armando as massas, principalmente os camponeses pobres, a força principal da revolução democrática, com a perspectiva inabalável de iniciar a Guerra Popular. Sem dúvida, nisso reside hoje o apoio mais importante que se pode prestar aos camaradas que lutam nas Guerras Populares na Ásia.

O regime reacionário de Marcos nas Filipinas, lacão do imperialismo, enquanto vende o país e tenta transformá-lo em uma base de apoio para a preparação da guerra imperialista, intensifica a guerra contra o povo por meio de campanhas contrarrevolucionárias, tendo como principal alvo os comunistas. As massas trabalhadoras e revolucionárias, sob a direção do Partido Comunista das Filipinas e do Novo Exército do Povo (NEP), travando uma guerra popular prolongada há mais de 56 anos, representam a maior ameaça interna aos planos de pilhagem e guerra dos governantes capitalistas burocráticos. Falsas promessas e concessões anunciadas em relação à “anistia” foram desmascaradas como apenas um dos dezenas de contos de fadas usados pela camariha governante de Marcos para semear confusão entre as massas. O “plano para derrotar o Partido Comunista” está fracassando, assim como todos os anteriores, e a intensificação das campanhas contrarrevolucionárias já está levando à intensificação da Guerra Popular, com um movimento de retificação que impulsiona o avanço em diversos aspectos da revolução democrática, principalmente

a revolução agrária. Condenamos também veementemente a assassina “Operação Kagaar”, levada a cabo pelo velho Estado capitalista burocrático e ultrarreacionário contra as massas populares na Índia. Intensificam-se campanhas contrarrevolucionárias como a Operação Kagaar, uma nova guerra contra o povo, uma campanha de aniquilamento, ao passo que cresce a militarização geral e a corporativização do Estado fascista bramânico-hiduista. Seu objetivo de “destruir a guerra popular” será derrotado, como foi poderosamente demonstrado na “Operação Caçada Verde”. Com pleno espírito internacionalista proletário, conclamamos à defesa e ao apoio às Guerras Populares na Índia e nas Filipinas por todos os meios possíveis. Expressamos nossa total convicção de que todos os planos do inimigo serão esmagados e que as Guerras Populares, com o firme apoio das massas de seus países e a solidariedade dos comunistas e revolucionários do mundo, se desenvolverão e destruirão a velha ordem e estabelecerão o poder de nova democracia dos povos.

Nos países imperialistas, a burguesia trava uma campanha contra os direitos democráticos e trabalhistas tão arduamente conquistados. O esforço de jogar o peso da crise sobre os ombros da classe operária e dos amplos setores populares tem sido respondido com crescentes greves e lutas operárias, ao passo que a ira e o repúdio contra essas falsas “democracias” aprofundam a crise do parlamentarismo, na qual a tendência inerente dos imperialistas ao fascismo e à reacionarização se manifesta cada vez mais abertamente. A censura e a repressão contra movimentos democráticos e anti-imperialistas, como ocorre na França ou na Irlanda, são enfrentadas com protestos e com o desmascaramento da suposta ordem “democrática”. A campanha pela libertação do conhecido anti-imperialista Georges Ibrahim Abdallah mobiliza milhares de pessoas em toda a França, com os comunistas assumindo um papel importante nesse processo. A militarização imperialista e a exportação de equipamentos de guerra para a Ucrânia e para Israel têm sido enfrentadas com bloqueios e greves de operários na Inglaterra e na Itália. Na Bélgica, operários realizaram uma greve geral contra o aumento da idade de aposentadoria como parte de uma “reforma da previdência”. Grandes protestos contra demissões em massa e a desindustrialização, particularmente na indústria automobilística e em outros setores industriais, ocorreram nos EUA, Inglaterra, Alemanha e Áustria. Na Espanha, os trabalhadores e as massas se levantaram contra a “gestão de crise” da burguesia, que causou o assassinato de centenas de pessoas pelas enchentes, principalmente em Valência, onde não só os partidos burgueses, mas também o rei, foram repudiados combativamente pelas massas. O crescimento visível das lutas operárias e movimentos de massas nos países imperialistas desmascara a mentira oportunista e revisionista sobre a “inatividade” e “passividade” da classe operária e a negação de seu papel revolucionário nos países imperialistas. A velha força para conter e incorporar a classe operária, a social-democracia, encontra-se em profunda crise e cada vez mais incapaz de desempenhar seu papel em prol da burguesia imperialista, razão pela qual os partidos de direita, em particular, vêm sendo preparados como

alternativa para a “estabilização”. Os oportunistas e a chamada “esquerda liberal” se revelam como putrefato apêndice da velha ordem “democrático-burguesa”, apoiando as frações dominantes da burguesia contra o “fascismo”. Os resultados eleitorais e as dinâmicas internas dos movimentos operários e populares demonstram que a social-democracia e o oportunismo estão perdendo crescentemente – ou já perderam – sua posição hegemônica dentro do movimento operário, e também falham cada vez mais em conter os movimentos de massas, o que gera um certo “vácuo” e, conseqüentemente, mais greves “descontroladas” e outras ações independentes por parte dos oprimidos. O potencial para que os comunistas ampliem suas raízes dentro da classe operária e das massas populares é favorável; é preciso organizar e fincar raízes profundas na classe proletária – aquela que não tem nada a perder a não ser seus grilhões – e forjar nela a mais conseqüente classe revolucionária, a fim de assumir sua tarefa histórica de dirigir a Revolução Proletária Mundial. Isso impulsionará, sem dúvida, o processo de reconstituição dos respectivos Partidos Comunistas e o desenvolvimento das revoluções socialistas.

Estamos definitivamente no início de um novo período de revoluções no mundo, e a decomposição do imperialismo avança dia após dia. O terreno para a Revolução Proletária Mundial está amadurecendo, e especialmente a necessidade de direção dos Partidos marxistas-leninistas-maoistas torna-se cada vez mais evidente. A agudização das contradições entre os imperialistas, a crescente agressão imperialista e a reacionarização alimentam a fúria dos oprimidos do mundo e do proletariado internacional, e essa fúria busca formas de ser canalizada e concretizada. Todos os comunistas e revolucionários devem se concentrar no curso inevitável da história e transformar as condições objetivas em bases políticas e organizativas para o desenvolvimento da Revolução Proletária Mundial. O processo turbulento que atravessa o mundo e a agudização das contradições nos oferecem a oportunidade de encontrar esperança, e não desespero. Como disse o Presidente Mao: “Há um grande caos sob o céu: a situação é excelente”. Todos os comunistas e revolucionários devem cumprir com sua responsabilidade.

Organizar a rebelião das massas sob a bandeira do marxismo-leninismo-maoismo

A luta pela reconstituição dos Partidos Comunistas deve ser firmemente assumida, com iniciativa, responsabilidade e ambição proletária. Aplicando criadoramente a verdade universal do marxismo-leninismo-maoismo, compreendendo plenamente o maoismo como a terceira, nova e superior etapa de seu desenvolvimento, em conformidade com as condições históricas e nacionais de cada revolução, os comunistas devem avançar na forja da Linha Política Geral e do Programa da revolução que devem dirigir, em meio à luta de duas linhas e à luta de classes pela conquista do Poder, que só pode ser alcançada por meio da guerra revolucionária, e simultaneamente construir as formas de organização correspondentes às formas de

luta. Os comunistas devem ir aos setores mais amplos e profundos das massas, educá-las na violência revolucionária e na luta contra o revisionismo e o oportunismo, rompendo com a “legalidade” burguesa e o cretinismo parlamentar, entendendo que o desenvolvimento da revolução no mundo é determinado pelos mais pobres, que são a maioria e os mais dispostos a se rebelar. Somente assim será possível varrer o “colossal monte de lixo”, parte por parte, e aos comunistas manejar corretamente a relação entre a luta pelas reivindicações diárias e a luta pelo Poder, entendendo que o Poder é a primeira e principal reivindicação das massas. Somente assim poderá surgir a Aliança Operário-Camponesa, que é a garantia da hegemonia do proletariado na Frente pela revolução democrática, e somente assim a hegemonia do proletariado poderá ser mantida também na revolução socialista. Com essa orientação, devemos organizar a classe revolucionária mais consequente, o proletariado, bem como a principal classe revolucionária nos países oprimidos, os camponeses, e formar uma forte frente de unidade com todos os outros setores revolucionários das massas oprimidas e exploradas, as mulheres, os intelectuais, as massas pobres nas cidades, a juventude, as crianças e todas as outras classes e setores do povo.

O proletariado só pode conquistar o Poder Político por meio da violência revolucionária; portanto, a principal forma de luta é a luta armada e a principal forma de organização são as forças armadas revolucionárias. Antes da eclosão de uma guerra revolucionária, todas as lutas e toda organização devem servir para prepará-la; após seu início, tudo deve servir para o seu desenvolvimento até a vitória.

As condições objetivas para o desenvolvimento da Guerra Popular são magníficas, e todas as lições recentes do confronto armado entre o imperialismo e os povos do mundo confirmam a validade da teoria militar dos marxistas-leninistas-maoistas. O homem é o fator decisivo na guerra, como ficou mais de uma vez demonstrado nas retumbantes derrotas militares sofridas pelas forças lideradas pelo imperialismo norte-americano no Iraque e no Afeganistão. As experiências da Frente de Resistência Nacional Palestina demonstram que a Guerra de Guerrilhas prolongada pode ser sustentada com êxito mesmo em ambientes urbanos e sob as condições mais adversas, desde que conte com o apoio das massas, pois é delas que retira sua força. As experiências nos campos de batalha da Palestina e da Ucrânia fazem com que os estrategistas imperialistas revertam suas teorias e, agora, reconheçam a importância decisiva da Guerra Terrestre – e, dentro dela, novamente conferem maior peso à Guerra de Túneis. Mesmo o desenvolvimento de armamentos como os drones pode, uma vez que os Combatentes do Povo aprendam a manuseá-los, tornar-se parte útil do arsenal do Exército Revolucionário.

Tudo isso reforça ainda mais nossa convicção, determinação e ambição de servir à reunificação dos comunistas do mundo, com a perspectiva da reconstituição da Internacional Comunista. Esta luta é longa, complexa, e os ataques constantes do inimigo a tornam ainda mais árdua, mas nós, comunistas, existimos precisamente

para resolver os problemas colocados pela Revolução Proletária Mundial. Nós, comunistas, somos superiores a todas as dificuldades e nada nem ninguém pode nos deter. Prevaleceremos.

Embora muitos discursos “anti-imperialistas” apresentem lutas reformistas ou parlamentares como solução, a experiência histórica demonstra que esses métodos nada mais fazem que aprofundar a exploração dos povos e legitimar a exploração. Diante disso, é uma necessidade urgente a construção de uma luta anti-imperialista revolucionária, classista e internacional. É preciso organizar a violência revolucionária e as Guerras Populares dos povos oprimidos e do proletariado internacional, sem nunca esquecer que a violência contrarrevolucionária só se vence com violência revolucionária. O oportunismo reformista ou parlamentar serve para assegurar a continuidade do sistema existente e tornar ainda mais vulneráveis os direitos dos oprimidos. Por isso, a clareza ideológica, a iniciativa política e o desenvolvimento de organizações nacionais e internacionais para fortalecer as bases da Revolução Proletária Mundial não são uma escolha, mas uma necessidade. A expressão concreta dessa necessidade tornar-se-á ainda mais relevante hoje, com o fortalecimento dos Partidos marxistas-leninistas-maoistas, o avanço dos processos de reconstituição e o desenvolvimento de organizações internacionais anti-imperialistas.

A tarefa urgente que temos diante de nós é moldar a Frente Anti-Imperialista Internacional, cujo principal objetivo é elevar o apoio às Guerras Populares a um novo patamar. Nesse sentido, reafirmamos nosso férreo e sólido apoio ao Partido Comunista do Peru, ao Partido Comunista das Filipinas, ao TKP/ML e à luta de nossos camaradas do Partido Comunista da Índia (Maoista), que hoje combatem heroicamente para derrotar a “Operação Kagaar” – operação de cerco e aniquilamento – das forças armadas do velho Estado reacionário indiano, para persistir no caminho da guerra popular e manter bem alto a bandeira vermelha. Confiamos que nossos camaradas romperão a campanha contrarrevolucionária de cerco e que a guerra popular triunfará no final.

Conclamamos todos os comunistas e revolucionários do mundo a unirem-se a nós sob a bandeira do marxismo-leninismo-maoismo, na luta implacável contra o imperialismo, o revisionismo e a reação mundial, a serviço da Revolução Proletária Mundial.

VIVA O PRIMEIRO DE MAIO!

ABAIXO O IMPERIALISMO, O REVISIONISMO E A REAÇÃO!

**A VITÓRIA PERTENCE AO PROLETARIADO INTERNACIONAL EM RESISTÊNCIA E
LUTA E AOS POVOS OPRIMIDOS DO MUNDO!**

**VENCEREMOS, O PROLETARIADO INTERNACIONAL E OS POVOS OPRIMIDOS DO
MUNDO VENCERÃO!**

VITÓRIA ÀS GUERRAS POPULARES!

VIVA O MARXISMO-LENINISMO-MAOISMO!

VIVA A LCI!

VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!

AVANTE NA CONSTRUÇÃO DA FRENTE ANTI-IMPERIALISTA!

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

Liga Comunista Internacional

1º de maio de 2025